

# Políticas de Crescimento para Portugal

Portugal não pode depender exclusivamente do motor económico das exportações.

**A** dependência excessiva de umas poucas indústrias, vulneráveis à concorrência global, não é garantia de um futuro económico suficiente e seguro. Temos que criar outras actividades económicas. As nossas indústrias têxteis, de que tanto dependemos no passado, estão em queda acelerada com a concorrência das indústrias asiáticas e dos países vizinhos da U.E., aliás no seguimento do que já acontecera com as indústrias têxteis de outros países europeus. O potencial agrícola português é limitado e historicamente nunca fomos autosuficientes. As possibilidades de pesca estão em declínio, pois para além de termos voluntariamente destruído a nossa frota pesqueira com incentivos da U.E., o peixe está aceleradamente a desaparecer dos mares e as nossas quotas de pesca são cada vez mais reduzidas. Temos um vastíssimo território exclusivo marítimo, mas parecemos incapazes de desenvolver actividades significativas para o aproveitar.

Uma alternativa de expansão económica para Portugal é procurar criar situações de interesse no nosso território, para atrair consumidores e investidores do Norte da Europa. Seria a criação de uma Flórida Europeia em Portugal, uma estratégia de desenvolvimento económico explorando as oportunidades da nossa presença no espaço da União Europeia



POR  
**Pedro de Avillez**

Investigador. Formado em Ciências Políticas e Sociologia Económica pela U. de Paris e Diplomado pela E.N.A.

e as qualidades geográficas, climáticas e sociais de Portugal.

O Governo Português tinha que ter a coragem política de criar cenários fiscais preferenciais para investidores e residentes estrangeiros, claramente motivantes, como aliás fazem alguns dos nossos parceiros europeus. Esta coragem continua a faltar aos nossos sucessivos governantes, apesar dos exemplos de sucesso de outros Estados Membros da U.E., que têm assim chamado investimentos de dentro da zona europeia, e potenciam o desenvolvimento de fortes fluxos turísticos cativos, e também a criação de significativas comunidades de estrangeiros europeus, os primeiros com a criação de residências secundárias para férias repetitivas, e as segundas caracterizadas por uma população de reformados, esta criadora de importantes e repetitivos movimentos de importação de recursos financeiros, ambas importantes animadoras da actividade imobiliária. Estes foram também os fenómenos sociais que criaram a riqueza da Flórida, em ambos os casos levando à criação de muitos postos de trabalho e de um aumento da

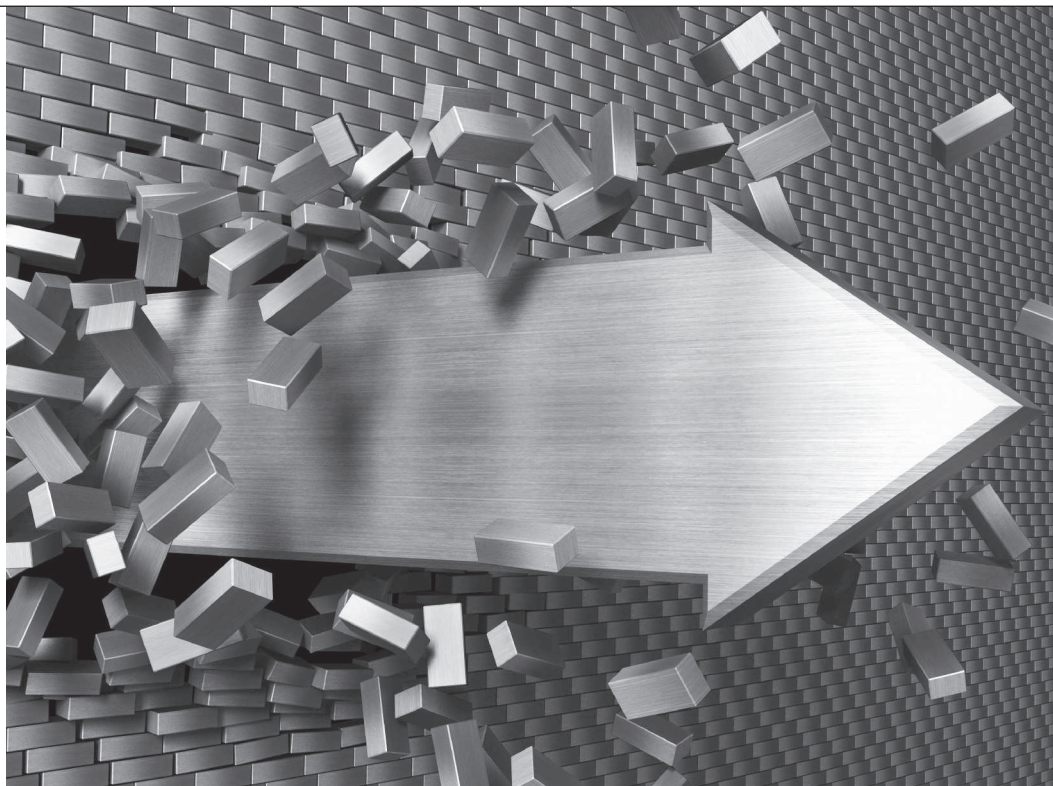
procura de serviços de várias naturezas que a existência destas populações potenciam, sem no entanto pesarem nas finanças da Segurança Social local.

Temos que insistir no turismo e no desenvolvimento de serviços, uma área de actividade económica onde podemos ser competitivos. Temos que nos concentrar menos na actividade industrial clássica, onde com raras excepções não temos vantagem geográfica, knowhow industrial nacional significativo e de um modo geral vantagem competitiva. A criação pela actividade de Turismo de boas infraestruturas e de serviços de qualidade, por sua vez também são mais-valias para atrair empresas estrangeiras a estabelecerem-se no nosso território.

Há também que dar especial atenção em criar condições e estímulos à criatividade empresarial da nossa população jovem. A maior criatividade da população jovem é um facto real a explorar estrategicamente. Há já bastantes casos de sucesso de jovens empresários na área da informática e da investigação biológica. Mas deve-se sublinhar que o desenvolvimento de infraestruturas de qualidade pela actividade turística, também funciona como estímulo e argumento de qualidade de vida mobilizador de mão de obra jovem.

Os nossos empresários tradicionais não sabem, ou parecem não saber, fazer diferente. Há muito que têm ambição insuficiente para desenvolver mais riqueza. A tendência histórica nacional é a de nos deixarmos ficar a gozar os louros de qualquer pequeno sucesso comercial, não reinvestindo. Gostamos demasiado de gozar a doce vida do nosso País, e de nos agarrar preguiçosamente às “conquistas” do Estado Social Europeu. Aqui a comunicação social devia ser trabalhada. Não existe em Portugal uma cultura de ambição e de estímulo à excelência. Apesar de Católico, penso que a nossa Igreja tem alguma culpa neste campo .... mas no fundo até certo ponto os nossos valores e comportamento religioso, e o da Igreja portuguesa, são o reflexo da nossa maneira de ser!

Temos uma boa Banca, mais bem organizada que muitas no resto da Europa (embora agora com problemas de liquidez, mas com a vantagem de oferecer bons e modernos serviços!), mas não temos suficientes clientes com imaginação empresarial para a aproveitar! Temos um dos melhores climas da Europa, um Algarve que tem a vantagem de já ser conhecido como



um bom destino de lazer. Mas no resto do País também temos oferta turística com boas infraestruturas, hotelaria, locais de interesse cultural e uma população acolhedora, com um dos mais baixos índices de criminalidade da Europa, serviços de telecomunicações modernas, hospitais decentes e investimentos rodoviários excelentes e até excessivos, mas que ao menos podem ser usados como mais-valias para turismo e argumento atractivo na aliciação de residentes estrangeiros.

A prova da validade de todas estes factores é a recente decisão do BNP-Paribas, da Siemens, da EasyJet e outros grupos europeus, de localizarem em Portugal importantes serviços administrativos e informáticos, que empregam milhares de empregados de bom nível académico e de formação técnica avançada. Esta novidade é uma evolução recente, pouco conhecida e referida pelos nossos media. A mão de obra portuguesa é menos reivindicativa, menos sindicada, falando frequentemente um mínimo de línguas estrangeiras e aberta a tentar compreender outras culturas. É todo um teatro de relações humanas, reconhecidamente mais harmonioso que o oferecido por muitos outros mercados europeus, inclusivamente do Sul da Europa.

O País tem compreendido e relativamente aceite, os sacrifícios da correcção financeira e da reestruturação económica em curso, facto que muito nos prestigia



**O Governo Português tinha que ter a coragem política de criar cenários fiscais preferenciais para investidores e residentes estrangeiros, claramente motivantes, como aliás fazem alguns dos nossos parceiros europeus**

internacionalmente. Temos também que admitir que este Governo tecnocrático actual, tem cozinhado interiormente estas difíceis reformas com grande sensibilidade e habilidade política. Sobre a cobertura das “obrigações odiosas da Troica”, o governo vai modernizando o que pode no nosso País, reformas que anteriormente nenhum governo tinha a coragem política

de as fazer, e potencializado assim uma re-toma sustentável. A reforma da Segurança Social, da Justiça, da Educação, do Funcionalismo Público e o fim da estatização das grandes empresas nacionais, são reformas difíceis politicamente porque esbarram com poderosos interesses corporativos e sindicais. Basta ver as ameaças de greve dos pilotos da TAP, claramente com objectivos políticos de evitar a privatização da companhia. Ou as greves actuais da classe médica. Sem estas grandes reformas a economia Portuguesa nunca terá a flexibilidade e criatividade necessária para se aproximar das economias mundiais mais avançadas, onde se desfrutam níveis de vida e de organização social que todos gostaríamos de fazer existir no nosso País. Sem estas reformas não há condições suficientes no País para estimular empreendedorismo, vida económica activa e redução da corrupção. Em Portugal a corrupção é potencializada pela mesquinha burocracia portuguesa, pela administração das grandes empresas por funcionários políticos a tempo limitado, sem preparação e experiência de gestão, pelos serviços técnicos do Estado com grande poder corporativo e pelo excessivo e pouco regulamentado poder municipal. Mas sobretudo por uma classe política onde proliferam gananciosos desejos de promoção social imediata, e onde muitos se esqueceram dos valores éticos e de preocupação social que deveria motivar os actores políticos.

Os Portugueses têm sofrido socialmente muito neste ano de reformas cruéis, mas esperam ser compensados a prazo com uma economia com crescimento sustentado. O esforço Português de reestruturação e de colaboração ostensiva com as instituições de tutela financeira, para além de acalmar os mercados, está conquistando um capital de simpatia junto dos nossos parceiros do Norte da Europa. Esta mais-valia recente deveria ser utilizada em acções de captação de investimento e de mobilização de fluxos turísticos ou de residentes estrangeiros para Portugal. Mas quando olhamos para a situação medíocre do nosso País estamos todos conscientes que para além das reformas em curso, todo o nosso progresso depende de um esforço profundo de educação, de melhoria de sociedade. Temos que nos tornar muito mais actualizados... sem uma população mais preparada e uma sociedade mais justa e moderna não iremos nunca muito longe!■